
SEM TINTA, SEM TELA, SEM MOLDURA: REFLEXÕES SOBRE A ARTE EM FLUXO

Gustavo Buss¹

Resumo

Propomos, no presente artigo, uma reflexão dialógica sobre a arte contemporânea e as interferências e as possibilidades tecnológicas sobre a mesma. Referimo-nos ao termo *arte em fluxo* em alusão à arte feita sob a lógica da rede (internet), bem como o trânsito virtual da arte nos dias coetâneos. A narrativa artística em lógica de fluxo apresenta particularidades e, dessas especificidades, notamos traços característicos da pós-modernidade. Entendemos, pois, este artigo como um ensaio reflexivo oriundo da observação do cenário artístico e tecnológico que vemos desenhado em nosso cotidiano.

Palavras-chave

Rede, Pós-Modernidade, Arte

Abstract

We propose, in the present article, a dialogical reflection on contemporary art and the technological possibilities and interferences around itself. We refer to the term *art in flux* as the artwork made under the net logic (internet) and also to the virtual traffic of arts nowadays. The artistic narrative in a flux logic features particularities and, within these specificities, we can see proper traces of the post-modernity. We understand this article as a reflexive piece, born from the observation of the artistic and technological scene that we see painted in our day-by-day experience.

Keywords

Net, Post-Modernity, Art

A GRANDE TEIA

Damos ênfase, neste primeiro fragmento, a abrangência do fluxo da rede, o que sugere a compreensão de sua estrutura, organização, lógica e funcionamento. Entretanto, o fazemos a partir do olhar da usabilidade, ou seja, o modo como a rede permeia os indivíduos e os seus cotidianos, os espaços urbanos, os aparatos tecnológicos e o pensamento pós-moderno. Distantes estamos de apresentar uma reflexão absolutista, tecnocrática, ufanista da tecnologia (e rede) em relação ao pensamento pós-moderno, as práticas sociais contemporâneas e as expressões artísticas. Porém, é inegável a atual ubiquidade tecnológica e a onipresença *divinal* da rede, sendo em todos os lugares e espaços ao mesmo tempo e forma.

Pontuamos como basal, nesta reflexão, a ideia de que as sociedades se estabelecem como tal, também a partir das

tecnologias com as quais se relacionam; assim como as *religiões*, a *política*, a *economia*, as *artes*, as *culturas* são tidos como definidores sociais, as tecnologias, no atual contexto sócio-histórico, posicionam-se ao lado dessas categorias.

Defrontamo-nos com a seguinte dialética, as expressões artísticas de um determinado tempo sempre se apresentam em consonância, ou total dissonância, com as tecnologias de sua época. O diálogo entre a arte e a tecnologia é uma prosa constante, e vemos, como desnecessária, a tentativa de apontar um ou outro como vetor de suas mudanças. A sincronicidade ou assincronicidade em que tecnologia e arte versam resulta na infundável mutação das expressões artísticas.

Cientes, no presente estudo, de certo determinismo, a virtualidade do fluxo da tecnologia ubíqua da sociedade

em rede estabelece uma narrativa artística *per se*. A lógica estrutural da rede sugere uma linguagem artística híbrida, tanto em sua concepção, quanto em sua leitura (consumo); em consonância, híbrido é o pensamento pós-moderno. Ao passo que a sociedade contemporânea é compatível com múltiplas linguagens artísticas que convivem e podem se fundir, percebemos um *tempo* social inconciliável à contemplação (na sua mais ampla significação) característico de outrora.

A socióloga francesa Anne Cauquelin (2010) vê o estado da arte contemporânea como aproximado de um “mundo de possíveis”. Relacionamos tal subjetividade a partir da seguinte reflexão: “A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de entidade, um deslocamento do centro de gravidade” (Lévy, 1999, p. 59). Logo, ao concebermos um estado da arte fluxo, isto é, pensando sob a ampla lógica social e tecnológica da rede, estaríamos atravessando por uma modificação do centro gravitacional artístico. A arte se estabelece a partir de referências sociais de seu tempo e espaço, conseqüentemente, *está* em constante transformação morfológica.

As sociedades sempre se organizaram em rede e, sob tal ótica, observamos o atual grafismo social, uma lógica rizomática, virtualmente articulada em perspectiva de um espaço de fluxos. Essa nova consciência virtual exacerba conexões e trocas sociais, viabilizando um pensamento (social) *colaborativo*, em que colaboratividade, a qual nos referimos, é toda a produção (*compartilhamento*) que se dá em conjunto por meio da rede. Na atmosfera artística, identificamos a colaboratividade como um possível elemento de desacomodação da arte.

Uma discussão indissociável à colaboratividade, e que se distingue da

produção artística de outros tempos, é a autoria de determinada obra. Na ambiência da virtualidade e da colaboratividade da rede tem-se um recuo do autor e as obras passam a ser valoradas por sua circulação. Percebe-se, também, uma nebulosidade na identificação das áreas de curadoria, crítica, estética, que, outrora, eram lineares. A arte horizontaliza-se: obra, artistas e público são colocados em um mesmo nível, em um único espaço e tempo.

CONTEXTO PÓS-MODERNO

Em muitos aspectos não herméticos a tessitura social pode ser considerada pós-moderna. Quando referimo-nos a não *hermeticidade* dessas características pós-modernas é porque consideramos, ainda, em nosso tempo, a modernidade. Entretanto, a gramática social pós-moderna afina-se ao contexto da *Grande Teia* descrito no subitem inicial deste ensaio. A ideia de aproximação que queremos constituir entre um contexto pós-moderno e a lógica do fluxo da rede justifica-se por acreditarmos que a arte em fluxo versa a estrutura da sociedade pós-moderna.

De modo empírico, aventuramo-nos a conceituar a sociedade moderna e pós-moderna, respectivamente, pelos adjetivos (abreviativos) figurativos *impar* e *par*. A sociedade moderna caracteriza-se como individualista, moralista, patriarcal, apática, e resistente (*impar*). Já, a sociedade pós-moderna modela-se como porosa, absorvente e resiliente (*par*). Gilles Lipovetsky (2004) define nosso tempo a partir do neologismo *hipermoderno*, entendendo a atual sociedade como sendo:

[...] liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisam adaptar-se ao ritmo hipermoderno, para não desaparecer (Lipovetsky, 2004, p. 26).

Aderimos à compreensão do indivíduo hipermoderno apresentado pelo autor, na qual se identifica uma dinâmica de contra-senso. São indivíduos mais bem informados, mais desestruturados, mais adultos e, ao mesmo tempo, mais instáveis, de ideologias menos rígidas, e, também por isso, mais influenciáveis e voláteis e que circulam em uma esfera mais superficial.

[...] pós-modernidade representa o momento histórico preciso que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. As grandes estruturas socializantes perdem autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instale-se a era do vazio, mas ‘sem tragédia e sem apocalipse’ (Lipovetsky, 2004, p. 23).

Essa dinâmica social pós-moderna parece justificar a ideia da *arte em fluxo*, em sua concepção, consumo e identificação - da maneira como a colocaremos no próximo segmento deste artigo.

Nossa percepção busca distanciar-se de um viés simplista e condicionante, isto é, subjugar a arte aos efeitos estritos das condições sociais de determinada época, tecnológicas ou não. Tal estreitamento poria a arte como um elemento sócio-histórico coadjuvante, entretanto, inegavelmente, há sobre as expressões artísticas interferências de contorno político, econômico, cultural, religioso consonantes a sua época.

ARTE EM FLUXO

A arte contemporânea em fluxo, conforme a percebemos, pode revelar diversos vieses interpretativos. Vemos ao menos dois, o primeiro refere-se à arte feita sob a lógica da rede, não aquela disponibilizada e reproduzida na rede. O outro prisma da arte em fluxo diz respeito ao contexto social,

no qual a arte contemporânea desenhasse, isto é, uma sociedade articulada pela virtualidade da rede.

Dentro deste contexto de rede (virtual), a relação *espaço/temporal* reconfigura o espectro da arte contemporânea, que passa a dialogar com novos espaços, para além das galerias e dos museus. As interferências artísticas ressignificam a esfera urbana de uma maneira jamais possível. Em nosso ponto de vista, isso se deve em função da sociedade fluida em *contexto pós-moderno*.

A relação obra/contemplação está modificada em função da ordem temporal acelerada e inerente à lógica da rede. A atitude dos indivíduos contemporâneos tende a uma maior interatividade, a uma contemplação desinteressada.

Simbolicamente a *rede* seria a moldura da arte contemporânea, mais do que uma ferramenta de idealização e produção artística, é o meio pelo qual ela circula. Seguindo a figuração, a moldura da rede sugere uma arte em *processo*, quer dizer, em constante transformação. As infundáveis intervenções sobre a arte caracterizam esse *processo*, de obras não estanques, fixas e engessadas.

Em perspectiva de fluxo, as fronteiras entre obra, autor, critérios de julgamento, profissões apresentam-se porosas. Não obstante, as galerias de períodos precedentes assumem uma nova espacialidade - mundializada e virtual. Como mencionamos anteriormente, trazemos duas faces ao observarmos a *arte em fluxo*, a de concepção artística (arte sobre uma lógica de rede) e a de sua circulação (virtualizada para *fluir* na rede). A partir deste entendimento espacial, de modo intencionalmente provocativo, questionamo-nos se *Paris* mantém-se como a capital mundial da arte.

Anne Cauquelin (2010), em seu discurso, considera que, dentro desta perspectiva de fluxo – de galeria mundial, o meio é mais influente que a mensagem; no caso da arte, a obra contaria muito

menos que o próprio circuito que percorre. A arte urbana serve-nos de referencial à compreensão do que entendemos por *arte em fluxo*. A arte urbana configura uma forma relacional diversa tanto aos espaços (público, urbano e cotidiano) quanto aos indivíduos (relação de colaboração). Essa externalização da arte, em todos seus níveis, funde o artista ao meio e ao público, um exercendo influência sobre o outro, evidenciando-se uma força transformadora.

Se antes a tela, a tinta e a moldura compunham uma obra de arte, vemos, hoje, desenhados novos elementos metamórficos sobre a *ideia* de arte. O que desperta uma válida e necessária reflexão.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2007.

NOTAS

1. Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul - PUCRS

REFERÊNCIAS

CAUQUELIN, Anne. **Apresentação oral**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Famecos, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: FCG, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LIPOVETSKI, Gilles. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.